

Tânia Mara Campos de Almeida (org.)

Encontro com  
**Rita Segato**

por sua linhagem:  
memórias e memorial



EDITORA



UnB



**Universidade de Brasília**

**Reitora** Márcia Abrahão Moura

**Vice-Reitor** Enrique Huelva

**EDITORA**



**UnB**

**Diretora** Germana Henriques Pereira

**Conselho editorial** Germana Henriques Pereira (Presidente)  
Fernando César Lima Leite  
Ana Flávia Magalhães Pinto  
Andrey Rosenthal Schlee  
César Lignelli  
Gabriela Neves Delgado  
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo  
Liliane de Almeida Maia  
Mônica Celeida Rabelo Nogueira  
Roberto Brandão Cavalcanti  
Sely Maria de Souza Costa

Tânia Mara Campos de Almeida (org.)

Encontro com  
**Rita Segato**  
por sua linhagem:  
memórias e memorial

**Equipe editorial**  
**Coordenação de produção editorial** : Marília Carolina de Moraes Florindo  
**Assistência editorial** : Jade Luísa Martins Barbalho  
Emilly Dias  
**Revisão** : F. Soudant  
**Projeto gráfico e diagramação** : F. Soudant

© 2022 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília  
Centro de Vivência, Bloco A – 2ª etapa, 1º andar  
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF  
CEP: 70910-900  
Telefone: (61) 3107-3700  
www.editora.unb.br  
contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização formal da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UNB)

---

E56            Encontro com Rita Segato por sua linhagem [recurso eletrônico] : memórias e memorial / Tânia Mara Campos de Almeida (org.). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2023.  
263 p.

Formato PDF.  
ISBN 978-65-5846-079-4.

1. Segato, Rita Laura. 2. Antropologia. I.  
Almeida, Tânia Mara Campos de (org.).

CDU 39

## Sumário

Prefácio	8
Trajectoria de uma pesquisadora ilustre e corajosa que desvenda e enfrenta a realidade concreta <i>Volnei Garrafa</i>	
Apresentação	12
<i>Femenagem</i> à Rita Segato por uma de suas comunidades intelectuais <i>Tânia Mara Campos de Almeida</i>	
Memórias	
I. Pluralismo jurídico, bioético e religioso	
Capítulo 1	
Pluralismos expressivos: contribuições e lições de Rita Segato <i>Elaine Moreira</i>	24
Capítulo 2	
Do pluralismo jurídico ao pluralismo bioético: trajectoria de vida e pensamento em 15 anos de aprendizado <i>Juliana Floriano Toledo Watson</i>	33
Capítulo 3	
Dos gritos inaudíveis à (d)enunciação da norma: sobre pandemias continuadas, capturas do Bem Viver e a reimaginação do mundo <i>Marianna Assunção Figueiredo Holanda</i>	43

Capítulo 4	
As vozes da Mãe do Silêncio no Brasil.	62
Crenças na aparição da Virgem Maria	
<i>Tânia Mara Campos de Almeida</i>	

## II. Raça, Estado, violência e os “Outros”

Capítulo 5	
A fuga dos espelhos: violência, mimesis	72
e alegorias patriarcais em <i>O Iluminado</i>	
<i>Daniú Gontijo</i>	

Capítulo 6	
O Povo do Veneno?	82
Uma análise crítica das ações de	
prevenção do suicídio entre os Suruwahá	
<i>Livia Vitenti</i>	

Capítulo 7	
A racialização dos(as) assim chamados(as) ciganos(as),	96
o protagonismo dos Calon de Belo Horizonte e a	
importância do pensamento de Rita Laura Segato	
<i>Priscila Paz Godoy</i>	

Capítulo 8	
Orfandade genealógica:	111
silenciamentos, colonialidade e relações de poder	
<i>Vanessa Rodrigues de Araújo</i>	

Capítulo 9	
A singularidade forjada sobre os Waimiri-Atroari	125
<i>Verenilde Santos Pereira</i>	

Capítulo 10	
O legado político e teórico do Caso Ari	136
Parte 1: o gesto pedagógico	
<i>Gustavo Augusto Gomes de Moura</i>	

### III. Gênero, feminismos e sexualidade

Capítulo 11	
Em tempos de “destruição”, quais as possibilidades e os desafios da teoria e prática decoloniais?	162
<i>César Augusto Baldi</i>	
Capítulo 12	
“Brincadeiras do Corpo”: gênero e historicidade javaé em diálogo com a perspectiva de Rita Segato	172
<i>Patrícia de Mendonça Rodrigues</i>	
Capítulo 13	
O legado feminino: a ciência e o pensamento de mulher para mulher	187
<i>Jocelina Laura de Carvalho Segato</i>	
Capítulo 14	
Para desver o mundo: tramas históricas dos vínculos e pluralidades no pensamento de Rita Segato	197
<i>Lourival Ferreira de Carvalho Neto</i>	
Capítulo 15	
Uma antropologia interpelada	216
<i>Pedro Paulo Gomes Pereira</i>	
Memorial (atualizado e revisado)	
Um olhar retrospectivo: seleção de relatos para uma memória possível da vida de uma professora	231
<i>Rita Laura Segato</i>	
Notas sobre as autoras e os autores	255

## II. Raça, Estado, violência e os “Outros”



## A fuga dos espelhos: violência, mimesis e alegorias patriarcais em *O iluminado*<sup>1</sup>

Danú Gontijo

“Tal é a alegoria da alteridade vencida e condenada ao destino servil da semelhança. A nossa imagem no espelho não é pois inocente. Por detrás de todo o reflexo, de toda a semelhança, de toda a representação, esconde-se um inimigo vencido. O Outro vencido e condenado a não ser senão o Mesmo” (Baudrillard, 1996).

“Nada mais difícil, quando se procura um caminho, que descobrir se a força que nos empurra vem do desejo de fugir ou do desejo de buscar. Talvez, em algum nível bem profundo, nem haja qualquer diferença entre esses desejos” (Verger, 1997).

**M**inha tese de doutorado, cujo título é uma pergunta – “Violência pega?” – é, sem dúvida, uma tese segatiana. Busquei, ali, arguir parte dos engenhos de (re)produção da violência: como se gesta, se replica e se propaga, sob a presciência de que há algo que pega, um efeito mimético, imitativo e reiterativo, que imprime “serialidade” à violência e a transforma em um “quase-automático”, um conceito segatiano. Para a autora, a violência é expressiva do poder jurisdicional, e como toda linguagem, estabiliza-se e se reproduz com certo automatismo e invisibilidade (Segato, 2003a, p. 113). Rita Segato (2006) elabora sua tese partindo da metáfora da língua/linguagem para entender a violência, que, apesar de volver-se em um “quase-automático” e produzir efeitos de reprodutibilidade avassaladores, contém, em seu âmago, as ferramentas para sua própria desestabilização.

Ao trilhar pelas rotas de Segato e suas claves para entender a violência, pude pensar o gênero como uma máquina mimética de (re)produção de subjetivida-

1. Texto lido no simpósio em homenagem ao pensamento da professora Rita Segato, em 7 de novembro de 2018, adaptado a partir de minha tese de doutorado “Violência pega?” (Gontijo, 2015).

de, e dizer que o gênero alegoriza o poder em si e replica sua estrutura em uma cena fundacional familiar, primordial, cuja pedagogia é a pedagogia das relações familiares na desigualdade inerente a suas figuras.

A preponderância do gênero é uma prova viva do poder mimético. Para Segato (2003a, p. 13), “o gênero é instância paradigmática de todas as outras ordens de *status*”. O modelo que formata o poder e sua máquina mimética mais potente é paradigmático, porque no solo simbólico onde grassa a violência está a assimetria, e o gênero é justamente a matriz replicável de poder que alegoriza a disparidade, sendo um referente preponderante e onipresente de distribuição de *status* e de hierarquização.

A pedagogia mimética do gênero é a pedagogia da cena familiar, a cena primeva do sujeito, uma cena que se funda historicamente, mas que se refunda todos os dias na instituição familiar. Podemos ver nos formatos das instituições sociais o crescimento exponencial do formato do gênero, a matriz que instaura a disparidade. Nesse sentido, entendo que o gênero é o protótipo da máquina mimética da produção de subjetividade, porque ao refundar a história patriarcal na história da cena fundacional familiar – ou seja, na história individual de cada ser – replica uma modelização e funda um referente ao habitualizar, normalizar. E esse modelo reproduz-se pelas maquinarias sociais, na família, nas escolas, nas relações sociais e, sobretudo, na mídia, onde ganha vulto por meio do espetáculo, mediante a replicação de um formato que já nos é familiar.

Vejo no filme *O iluminado*, de Stanley Kubrick, inspirado no livro de Stephen King, uma alegoria da teoria de Rita Segato e de minha própria tese de doutorado. Nesta, trago uma digressão sobre o filme, que conta a história de Jack Torrance, a personagem de Jack Nicholson, escritor frustrado e desempregado. O filme inicia-se numa sequência em que ele, a esposa e o filho sobem a serra, onde ele fará uma entrevista no Overlook Hotel, para atuar como zelador durante o inverno, período em que o hotel é sempre desativado. Jack se mostrará, no entanto, zelador de uma ordem. Aliás, zelador é uma metáfora acertada e oportuna para o mandato do qual Jack será cumpridor. É ilustrativo também do mandato de que nos fala Rita Segato.

Já na entrevista com o gerente Ullman, Jack é informado de que os invernos costumam ser duros e solitários, e de que o hotel foi cenário de um terrível crime: um zelador anterior, de nome Charles Grady, matou a esposa e as duas filhas e depois se matou. Jack é contratado e logo se muda com a família para o local, o Hotel Overlook, que literalmente se traduz “olhada por cima” e que expressa dupla acepção: tanto significa “não reparar”, como ter “uma vista abrangente”. Chegam ao hotel no dia em que estão encerrando as atividades para o inverno. O chef de cozinha do hotel, Dick Hallorann, um homem negro, os recepciona

e lhes apresenta o hotel. Faz uma conexão imediata com a criança, quando repara que compartilham mediunidade, o que Hallorann explica ser “iluminação”, que diz ter aprendido com sua avó, também médium. A criança fica temerosa. Já “viu” um rio de sangue que invade o hotel, uma metáfora que alude ao sítio erguido sobre um cemitério indígena. Mas Hallorann o certifica de que não há o que temer, e de que evite um quarto, supostamente onde o antigo zelador matou a esposa e as crianças. Hallorann também diz que, em qualquer eventualidade, podem “comunicar-se” (por telepatia).

Danny, Wendy e Jack instalam-se no hotel onde ficarão meses isolados, fato para o qual Jack se diz animado: sua intenção é aproveitar o retiro para escrever. Mas Jack não escreve. Presumir-se escritor é só mais uma marca de sua arrogância. Estereótipo do patriarca decadente, Jack ostenta uma caricatura da caducidade patriarcal, um homem frustrado, mas que mantém as aparências, controlando e agenciando a admiração de Wendy, que encarna o protótipo da boa esposa e da mulher frágil.

Num crescendo de irritação, Jack, obviamente frustrado consigo mesmo, encontra escape na culpabilização da família. Wendy entra no recinto onde Jack supostamente estaria trabalhando e Jack, contrariado, impõe uma nova regra: esteja ele datilografando ou não, ou seja, independentemente do que esteja fazendo, Wendy não deverá interrompê-lo jamais. Não tarda para que Wendy descubra que Jack só escreve a mesma coisa, repetindo uma frase *ad infinitum*: “só trabalho sem lazer faz de Jack um menino sem graça”. São calhamaços de uma única frase, uma metáfora afiada a propósito da mimesis e da reprodução desenfreada dele nas sociedades de massa.

Em minha tese, ao analisar o Caso Wanda<sup>2</sup>, pude pensar não somente as violências de gênero, mas a violência em suas várias dimensões, como se o caso guardasse, em seu âmago, o mundo inteiro. Em decorrência da espetacularização do caso pela mídia, o feminicídio de Wanda desatou uma onda de outros feminicídios por fogo. O que era antes um meio incomum para se matar mulheres, com quatro casos por ano, torna-se recorrente, com 40 a 50 casos ao ano. Ou seja, o Caso Wanda não inaugurou os feminicídios por fogo na Argentina; depois dessa ocorrência, porém, os feminicídios e as tentativas de feminicídios por fogo aumentaram drasticamente, passando de três em 2008, e seis em 2009, para 136 mulheres queimadas vivas em três anos (entre fevereiro de 2010 e fevereiro de 2013), de modos assombrosamente semelhantes. A tese surge da constatação de

---

2. Refiro-me ao feminicídio de Wanda Taddei, na Argentina, em 2010, e aos feminicídios que se desataram em subsequência – um exemplo paradigmático do efeito mimético na era midiática-digital-espetacular.

que a cobertura midiática do Caso Wanda foi central no aumento de um *modus operandi*: o uso do fogo no assassinato de mulheres.

O crime que matou Wanda foi atroz, mas a mídia potencializou a atrocidade exponencialmente. Produziu um efeito mimético, o que nomeei na tese de efeito Wanda<sup>3</sup>. O feminicídio de Wanda e o modo como foi divulgado propagou, em parcela significativa de espectadores, um sentido – um sentido convocatório que exemplifica também a violência expressiva de que fala Rita Segato. Uma interpelação a outros homens agressores. A transmissão de uma mensagem, pela comunicação de um enunciado que encontra em sua réplica – e na acepção dupla da própria palavra – uma resposta e, ao mesmo tempo, uma imitação.

“Zapeando” de volta ao filme, seu ponto alto, e alusivo ao sentido convocatório de que fala Rita Segato, é a aterrorizante cena do banheiro. Jack, o zelador, encontra-se ali com o zelador passado, Grady, que assassinou esposa e filhas. Portador de uma mensagem, o fantasma do passado convoca Jack a repetir seu ato: zelar pelo *status quo*. Jack reconhece Grady: “você foi o zelador aqui”<sup>4</sup>. Mas Grady retruca, diz que “lamenta divergir”, mas que o zelador é Jack. “Você foi sempre o zelador”. A conversa entre os dois se torna, de repente, uma conversa

---

3. Referi-me a efeito Wanda em alusão ao efeito *copycat* ou efeito Werther, este cunhado em referência à onda de suicídios no século XVIII de jovens mimetizados com Werther, a personagem protagonista de Goethe em *Os sofrimentos do jovem Werther*, que comete suicídio com um tiro em razão de uma desilusão amorosa. O romance de Goethe foi publicado em 1774 e provocou ondas de suicídios – *suicide clusters* – por toda Europa.

4. Diz Grady em alusão aos assassinatos das filhas e esposa:  
Delbert Grady: *Did you know, Mr. Torrance, that your son is attempting to bring an outside party into this situation? Did you know that?*

Jack Torrance: *No.*

DG: *He is, Mr. Torrance.*

JT: *Who?*

DG: *A nigger.*

JT: *A nigger?*

DG: *A nigger cook.*

JT: *How?*

DG: *Your son has a very great talent. I don't think you are aware how great it is. That he is attempting to use that very talent against your will.*

JT: *He is a very willful boy.*

DG: *Indeed he is, Mr. Torrance. A very willful boy. A rather naughty boy, if I may be so bold, sir.*

JT: *It's his mother. She, uh, interferes.*

DG: *Perhaps they need a good talking to, if you don't mind my saying so. Perhaps a bit more. My girls, sir, they didn't care for the Overlook at first. One of them actually stole a pack of matches, and tried to burn it down. But I "corrected" them sir. And when my wife tried to prevent me from doing my duty, I "corrected" her.*

entre pares, confrades, “de zelador para zelador”. Uma perfeita alusão à fratria de que nos fala Segato.

Grady avisa Jack que seu filho tenta se comunicar com “um agente externo”. Refere-se a Dick, o chef de cozinha negro que é médium, está de férias na Flórida e que, de fato, virá em socorro de Danny. Os zeladores chamam-no *nigger*, um modo pejorativo de dizer negro nos Estados Unidos. A fratria patriarcal é também branca e racista. Grady logo comenta o talento mediúcnico do menino. Diz Grady a Jack: “Ele tenta usar esse talento contra a sua vontade”. “A culpa de o menino ser desobediente é da mãe”, retruca Jack. Grady convoca-o então à réplica, ou seja, a repetir seu feito:

Minhas meninas, senhor, elas não ligavam a mínima para o Hotel Overlook. Uma, de fato, roubou uma caixa de fósforos e tentou queimá-lo. Mas eu as corriji, senhor. E minha esposa, quando tentou me impedir de cumprir o meu dever, eu também a corriji (Kubrick, 1980).

O enunciado da correição e da obediência parece ser a mensagem implícita em todo feminicídio. O cumprimento do mandato da correição pela autoridade, a quem cabe o dever de corrigir, consertar, castigar. Vejo em *O iluminado* uma alegoria da mimesis, e da réplica em sua dupla acepção (repetição e resposta). Não é um filme de terror, mas um pastiche de terror, como bem assinalou Frederic Jameson (1995), em artigo sobre a historicidade em *O iluminado*. O terror metaforiza o patriarcado, o terror patriarcal.

Em sua tese sobre os feminicídios de Ciudad Juárez, México, Rita Segato (2005) postula que funciona ali a transmissão de uma mensagem para “iniciados”: “Tudo parece fazer parte de uma grande máquina comunicativa cujas mensagens tornam-se inteligíveis somente para quem, por alguma razão ou outra, adentrou o código”. Podemos entender a cena do banheiro de Kubrick também como alegoria da violência expressiva de que fala Segato.

Essa mensagem, implícita em todo feminicídio, encontra cumplicidade também na mídia. Ao propor um paralelo com a mensagem que os meios de comunicação transmitem aos “espectadores iniciados”, Grady, o fantasma, é a convocação do passado à repetição, para que não se desvencilhe, para que a história se repita. A violência é a sombra da repetição do passado, é o sinal de que estamos mimetizados com um modo, que é o paradigma da força bruta.

Podemos entender, ainda, o fantasma do zelador como a própria alegoria da mídia. É o espectro da mídia em si que se encontra com a personagem de Jack Nicholson no banheiro masculino. A mídia é reprodutora desse eco patriarcal

que atualiza o passado patriarcal. A ordem patriarcal-colonial-moderna só sobrevive com sua atualização cotidiana.

O Jack Nicholson de *O iluminado* não está possuído pela maldade em si nem pelo demônio ou alguma força oculta semelhante, mas simplesmente pela História, pelo passado americano [decifra Jameson, 1995, p. 93].

De fato, Jack não encarna o demônio ou a maldade, mas o passado e sua convocação incessante à réplica, à resposta, ao paradigma patriarcal e à sua larguíssima duração, que Segato nos descreve tão bem. É a mimesis do desejo que toma por modelo a autoridade patriarcal. O desejo de repetir vem do desejo da onnipotência que a figura patriarcal enseja; o desejo do pódio de que fala Hilan Bensusan, que é, trocando em miúdos, a tese de Paulo Freire: o desejo de ser quem oprime, de ter o poder que acreditamos que quem oprime tem, porque um olhar ainda se ergue a ele. Nesse sentido, importa perguntar: “Em quem você se espelha?” “Quem (ad)mira?”

Esse modelo convoca homens a identificar-se com a figura de autoridade, do patriarca, a figura de um Senhor com letra maiúscula, um pai deificado. Essa identificação leva também a que os homens se arroguem uma posição de mando, que exige obediência e, conseqüentemente, se outorga o lugar de corrigir e punir. Arregimenta, sobretudo, homens frustrados, ressentidos e emasculados, o que Kubrick parece ter entendido bem. Jack escancara a caricatura da frustração da onnipotência.

Na minha tese busquei ver como a produção de subjetividade que modeliza a lógica patriarcal, em sua feição bélico-expressiva, e como a face do espetáculo na era midiático-digital estão no cerne da modelização que assegura a ordem colonial-moderno-estatal. Esta se organiza sob a égide do pódio, do *status*, da autoridade, com suas feições masculinas e brancas. É o próprio deus que construímos à imagem e à semelhança do que costumamos chamar masculinidade. Não por acaso, “a figura do Senhor” que organiza a maioria das religiões vigentes encontra seu paralelo no *Big Brother* orwelliano, o “Grande irmão”, que expressa o cerne também do espetáculo, em termos debordianos.

Como no texto de Rita Segato (2003b) “A célula violenta que Lacan não viu”, em *O iluminado*, o que Frederic Jameson não viu é que o *Zeitgeist*, o fantasma da história que nos impele à repetição, tem uma cara, e essa cara é patriarcal. O filme alegoriza a história, evidentemente, mas a história da opressão, e da repetição da opressão, em sua face patriarcal-genocida. A mensagem repassada no banheiro é a do fantasma do tempo, o eco da história que nos prende ao es-

pelho. Mas essa mensagem é um trato entre pares, entre senhores, entre a fratria masculina<sup>5</sup>.

No entanto, no filme de Kubrick, a ruptura do espelho é iminente. A mulher, que parecia um exemplo de debilidade e submissão, revida e logra prender o marido na despensa. “Sua esposa aparenta ser mais forte do que imaginávamos [...] Algo mais... capacitada.”, diz o zelador confrade, que aparece para soltar Jack.

Dá-se uma terrível perseguição. Ao acoessar o próprio filho, com o intuito de assassiná-lo, entram no labirinto do jardim. O final é, contudo, surpreendente. A criança ganha do pai no labirinto, alegorizando saídas, modos de escape. Na tática de Danny, Tiago Eli Passos vê um *princípio de (desprograma)ação*:

O que Danny fez foi, em última instância, confrontar a gravidade e violência do labirinto, que se afigurava como a mais inescapável justiça correcional – do “*you must correct them!*” –, com uma tática tão surpreendente e insólita quanto desajuizadamente brilhante: aplicou a travessura, a inventividade e a indisciplina exatamente quando elas pareciam menos vantajosas, úteis, factíveis e recomendáveis. Tática que remete ao brincar, princípio de (desprograma)ação que – não sem razão para isso – tanto encantou Walter Benjamin, e tanto fascina Giorgio Agamben (Passos, 2013, p. 17).

Ao interpretar *O iluminado* à luz de *O crime perfeito* de Baudrillard, vejo semelhanças consideráveis. O espectro do patriarcado é a mensagem que se transmite. O patriarcado é o próprio crime perfeito de que fala Baudrillard, a perfeição que se repete. A despeito de nos mostrar a ordem colonial-moderna-patriarcal em todo seu terror, Kubrick nos aponta, como Baudrillard, o que poderíamos chamar de “um final reexistente”.

Para Baudrillard, se um crime se perpetua é porque necessariamente perpetrador e vítima estão confundidos(as). Digo em um artigo, juntamente com Ondina Pena Pereira:

Para Baudrillard, há uma radicalidade essencial na reiteração e perpetuação de um crime: “Se as consequências do crime são

---

5. Aqui faço alusão também às pessoas indígenas ali exterminadas etc. Ou seja, quando digo patriarcal, lembro que não faço alusão somente a corpos de mulheres, mas a corpos femininos e feminizáveis, e também a corpos racializados, todos submetidos pelo paradigma da força bruta, no qual um corpo é domesticável. Como já disse, na esteira de Segato, tal paradigma assume diversos significados: apropriação de territórios, dominação de povos, incluindo, por certo, corpos de homens “vencidos”, subalternizados, “feminizados”, isto é, usurpados e violados, como ocorre com as violações sexuais em presídios masculinos.

perpétuas, é porque não há nem assassínio [sic] nem vítima. Se houvesse um ou outra, o segredo do crime alguma vez seria desfeito e o processo criminal seria resolvido. O segredo consiste afinal em um e outro estarem confundidos [...]” (*apud* Baudrillard, 1996, p. 21). Com isso, o pensador não nos diz que ambos são iguais ou que não há opressão/dominação, mas chama atenção para o fato de que um sistema só se eterniza quando opressor e oprimido se confundem, quando um é *speculum* do outro e nutre este reflexo [...] (Gontijo & Pereira, 2012, p. 324).

Fugir do espelho<sup>6</sup> é o primeiro passo para fazer com que o desejo reexista. É romper o ciclo da violência, como faz Tonho, no filme *Abril despedaçado*, ou como os irmãos Dagobé de Guimarães Rosa. A chance de pugnar a perfeição do crime é não se deixar capturar na clausura do Mesmo. Ou seja, é uma aposta na fuga, na deserção, no esquivo. É lançar uma fuga dos espelhos, como na alegoria de Borges, que traz Baudrillard ao final de *O crime perfeito*: “Não serei o seu espelho”.

Fugir do espelho do crime perfeito – a longa história patriarcal – encarna a inevitabilidade da história de que fala Rita Segato, para quem a ética é o impulso de insatisfação que move os povos e, portanto, como anseio, é universal e se confunde com a própria história.

Nem a insatisfação, nem a dissidência ética são patrimônio de um povo em particular, mas atitudes minoritárias na maioria das sociedades. São elas os vetores que assinalam o que falta, o que não pode continuar como é (Segato, 2006, p. 225).

---

6. Entendo o espelho como alegoria do binarismo e do gênero da ordem colonial-moderna. Esse espelho, muitas vezes, é como o espelho de que falava Virgínia Wolf: “mulheres têm servido todos esses séculos como espelhos possuindo o poder mágico e delicioso de refletir a figura do homem duas vezes seu tamanho natural”. Desse modo, se vemos a instauração de uma (dis)paridade (o que não é par), que opera como recurso de verticalização para validar um referente, ou seja, a autoridade de semblante masculino e branco, com a matriz colonial-moderna ocorre o arresto do Outro numa lógica binária, sua prisão num espelho, que não é outra coisa senão a ratificação do Mesmo e o sequestro da Diferença. Em outras palavras, a questão não é propriamente a Diferença, mas sua “outrificação”: a construção da identidade pelo expurgo de características objetadas, o rapto da diferença para construir um valor em contraposição, e terminar por refletir o Mesmo. O argumento de Edward Said, em *Orientalismo*, é similar. O Oriente é construído como o outro do Ocidente, justamente com as características que deseja ver expurgadas (um Oriente feminizado, irracional etc.) e, por outro lado, ressaltadas (um Ocidente potente e racional etc.), ou seja, a construção de narrativas e representações que sancionam o imperialismo moral do Ocidente e referendam atributos que servem a seu domínio simbólico e político. Trocando em miúdos, um espelho que refletirá também duas vezes o tamanho do Ocidente.



Contra “a crença incontestável na inevitabilidade do mundo que habitamos”, Segato (2006, p. 222) percebe um antídoto na ética da insatisfação, o verdadeiro motor da história. Romper o espelho é romper com a inevitabilidade da máquina mimética que produz a história do mesmo e reafirma o *status quo*. A fuga do automatismo mimético é, sem dúvida, uma fuga dos espelhos. Uma fuga do irrefletido, sobretudo. E uma aposta de que não é preciso entrar na mesma história duas vezes – nem como tragédia, nem como farsa.

## Referências

BAUDRILLARD, Jean. *O crime perfeito*. Lisboa: Relógio D’Água Editores, 1996.

BENSUSAN, Hilan Nissior. Notas por uma pedagogia da opressão. In: KOHAN, Walter (Org.). *Políticas do ensino de filosofia*, p. 34-44. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

GOETHE, Johann Wolfgang von. *Os sofrimentos do jovem Werther*. São Paulo: Martins Fontes, 1994 [1774].

GONTIJO, Danú. *Violência pega?* Tese (Doutorado em Bioética) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

GONTIJO, Danú; PEREIRA, Ondina Pena. Direito à vida sem tortura: direitos humanos para humanos direitos? *Psicologia Política*, v. 12, n. 24, p.313-327, maio-ago. 2012.

JAMESON, Fredric. *As marcas do visível*. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

KUBRICK, Stanley. *The shining*, o filme, 144 min., 1980.

PASSOS, Tiago Eli de Lima. *O espetáculo da Justiça: uma etnografia do Tribunal do Júri*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007.

SEGATO, Rita Laura. Antropologia e direitos humanos: alteridade e ética no movimento de expansão dos direitos universais. *Mana*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 207-236, abr. 2006.

SEGATO, Rita Laura. Território, soberania e crimes de segundo Estado: a escritura nos corpos das mulheres de Ciudad Juárez. *Revista de Estudos Feministas*, v. 13, n. 2, p. 265-285, maio-ago. 2005.

SEGATO, Rita Laura. *Las estructuras elementares de la violencia. Ensayos sobre género entre la antropología, el psicoanálisis y los derechos humanos*. Bernal, AR: Universidad Nacional de Quilmes, 2003a.

SEGATO, Rita Laura. A célula violenta que Lacan não viu: um diálogo (tenso) entre a antropologia e a psicanálise. *Clinamen*, v. 2, p. 121-151, 2003b.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos orixás*. São Paulo: Corrupio, 1997.



Notas sobre as autoras e os autores

## Notas sobre as autoras e os autores

### **César Augusto Baldi**

Professor da Universidade Luterana do Brasil até 2007. Professor de Antropologia Jurídica na EBN, Brasília. Servidor do Tribunal Regional Federal da 4ª Região desde outubro de 1989. Pesquisador do Núcleo de Estudos para Paz e Direitos Humanos (NEP) da Universidade de Brasília. Tem experiência na área de direito, atuando principalmente nos seguintes temas: direitos humanos, interculturalidade, Islã, feminismo islâmico, indígenas, comunidades tradicionais, teorias críticas de direitos humanos, teorias pós e decoloniais, racismo, quilombolas, territorialidades. Lecionou Introdução ao estudo do direito, Direito administrativo e Direito constitucional. Editor de *Direitos humanos na sociedade cosmopolita* (Renovar, 2004) e *Aprender desde o Sul* (Fórum, 2015). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8202034636185727>.

### **Danú Gontijo**

Advogada, com mestrado em direitos humanos pela Universidade de Utrecht (2004) e doutorado em bioética pela Universidade de Brasília (2015). Pesquisadora associada e professora colaboradora da Cátedra Unesco de Bioética/ Programa de Pós-Graduação em Bioética. Tem interesse nos temas relacionados a violência, feminismos, gênero, saúde, tortura, feminicídios, violência de Estado e letalidade policial, criminologia crítica e sistema penitenciário, justiça, antropologia, direitos humanos, mídia. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2340422058356417>.

### **Elaine Moreira**

Possui graduação em ciências sociais, habilitação em antropologia pela Universidade Estadual de Campinas (1990), mestrado e doutorado em *anthropologie sociale et ethnologie*, pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess), em 1995 e 2012, respectivamente. Pós-doutorado na UnB, bioética. Participou com pesquisas junto ao projeto Pacta – Coordenado por Mauro Almeida (Unicamp) e Laure Emperaire (IRD). Tem experiência na área de antropologia, com ênfase em etnologia indígena, atuando principalmente nos temas: redes sociais Ye'kuana, circulação de objetos, conhecimentos tradicionais, antropologia das sementes, migrações e mobilidade indígena. Atualmente acompanha com pesquisa a presença indígena dos Warao da Venezuela no fluxo migratório

venezuelano em Roraima. Coordena o projeto de extensão Observatório dos direitos e políticas indigenistas (Obind), do Departamento ELA-UnB. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9510291380309325>.

### **Gustavo Augusto Gomes de Moura**

Educador popular, é mestre em antropologia social pela UnB (2011) e doutorando em bioantropologia no PPGA/UFPA, na linha de povos indígenas e populações tradicionais. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9336687697427133>.

### **Jocelina Laura Carvalho de Segato**

Graduada em ciências sociais pela UnB, com ênfase em antropologia (2017). Atualmente, mestranda em bioética (Programa de Pós-Graduação em Bioética/UnB). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8807804052919515>.

### **Juliana Floriano Toledo Watson**

Doutoranda em bioética; mestra em bioética pelo Programa de Pós-Graduação em Bioética da Universidade de Brasília; bacharel em ciências sociais com habilitação em antropologia pela Universidade de Brasília; licenciada em ciências sociais. Aprendiz de raizeira e parteira no Cerrado; coordenadora da Formação de Parteiras e Doulas com a mestra Dona Flor; trabalha com ginecologia autônoma e natural e medicina populares. Tem experiência com movimentos sociais, principalmente feministas; como professora de sociologia na rede pública e professora de português como segunda língua; e como tradutora de espanhol-português-espanhol. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3146123354330608>.

### **Lívia Vitenti**

É doutora em antropologia pelo programa de pós-graduação da Universidade de Montréal, em Quebec, Canadá. Teve por tema de tese o suicídio Atikamekw, população indígena habitante do Quebec. Sua tese se intitula: “*Couper le fil de la vie: suicide et rituels de mort chez les Atikamekw de Manawan*”. Possui mestrado em antropologia pela PPGAS da UnB (2005), e teve por tema de dissertação as jurisdições especiais indígenas de quatro países andinos, a saber, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru. A dissertação de mestrado se intitula: “Da antropologia jurídica ao pluralismo jurídico”. Possui graduação em ciências sociais com habilitação em antropologia pela UnB (2002). Entre 2012 e 2015 foi pesquisadora pós-doutoral (PDJ-CNPq) na Cátedra Unesco de Bioética da UnB, sob a supervisão de Rita Laura Segato. Entre 2014 e 2015 foi professora substituta no Departamento de Antropologia da UnB. Igualmente, foi consultora da Organização Panamericana de Saúde (Opas) para a Secretaria Especial

de Saúde Indígena (Sesai) entre os anos de 2017 e 2018. Entre 2018 e 2019 foi pesquisadora PNPD no Departamento de Antropologia da UnB. Atualmente é coordenadora do Plano de Ação das Primeiras Nações contra agressões sexuais, na organização Femmes Autochtones du Québec/Quebec Native Women Inc. Tem experiência na área de antropologia da saúde, com ênfase em saúde mental, suicídio indígena e prevenção do suicídio, etnologia indígena, antropologia da religião e antropologia jurídica. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8541766151991632>.

### **Lourival Ferreira de Carvalho Neto**

Doutorando em direito pela Universidade de Brasília (UnB), na linha de pesquisa de Sociedade, conflito e movimentos sociais. Mestre em direitos humanos e cidadania pela UnB. Bacharel em direito pela Universidade Estadual do Piauí (Uespi). Membro do Grupo de Pesquisa Antropologia e Direitos Humanos do CNPq e do Centro de Estudos em Desigualdade e Discriminação (UnB). Advogado. Pesquisador jurídico (OAB Nacional). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7995270411139059>.

### **Marianna Assunção Figueiredo Holanda**

Professora da UnB. Saúde coletiva (FCE/UnB), Centro Internacional de Bioética e Humanidades (Cibh/UnB) e Programa de Pós-Graduação em Bioética (PPG-Bioética/UnB). Pesquisadora de bioética e direitos humanos desde a decolonialidade, as interseccionalidades de gênero, raça, etnia e das lutas por justiça social. Pluralismo jurídico, bioético e de outros mundos. Antropologia do corpo, das emoções e dos sentidos. Da morte e do morrer. Da dignidade e do nascer. Doutora em bioética pelo Programa de Pós-Graduação em Bioética da UnB (2015), mestra em antropologia social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UnB (2008), bacharela em ciências sociais pela UnB, com habilitação em antropologia (2005). Coordenadora da Liga Acadêmica de Bioética e Direitos Humanos da Universidade de Brasília – Projeto de Extensão Continuada – desde dezembro de 2019. Presidenta da Sociedade Brasileira de Bioética – Regional Distrito Federal (gestão 2022-2023). Membro da Comissão de Direitos Humanos da Associação Brasileira de Antropologia (CDH/ABA). Mãe de Caetano, Samuel e Francisco. #MaternidadeNoLattes CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8460180060006601>.

### **Patrícia de Mendonça Rodrigues**

Mestre em antropologia pela Universidade de Brasília (1993) e PhD em antropologia pela Universidade de Chicago (2008). Realizou pesquisa acadêmica

com o povo Javaé, no médio Rio Araguaia, sobre organização social, cosmologia, gênero e etno-história. Coordenou nove grupos técnicos da Funai de identificação e delimitação de terras indígenas no médio Araguaia e alto Tapajós, de interesse dos povos Xavante, Kayabi, Munduruku, Karajá, Javaé e Avá-Canoeiro do Araguaia. Publicou vários artigos sobre os Javaé, Avá-Canoeiro do Araguaia, Karajá e Xavante. Desde 2009 tem militado pela inclusão dos Avá-Canoeiro do Araguaia em uma pauta de direitos humanos e constitucionais e atualmente está coordenando um projeto de estudos etnoterritoriais.

### **Pedro Paulo Gomes Pereira**

Livre-docente pela Universidade Federal de São Paulo (2013). Professor associado da Universidade Federal de São Paulo. Professor do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal de São Paulo. Coordenador do Núcleo de Pesquisa em Diferenças, Direitos Humanos e Saúde (Quereres). Possui mestrado em antropologia pela UnB (1996), doutorado em antropologia pela UnB (2001) e pós-doutoramento na Universidade de Barcelona (2001-2002). Foi pesquisador visitante pós-doc na Universidade de Barcelona. Bolsista da Fundación Carolina para realizar pesquisa na Espanha, Universidad Rovira y Virgili. É membro de comissões editoriais em publicações periódicas e parecerista em diversos periódicos na área de ciências sociais, saúde coletiva e estudos de gênero e sexualidade. Editor na *Revista Interface*. Prêmio Antropologia e Direitos Humanos, da Associação Brasileira de Antropologia (2002). É responsável por auxílios à pesquisa ativos na Fapesp. É membro da Abrasco, onde participa do GT Saúde da População LGBTI+. É parecerista do CNPq, da Capes, da Fapesp. É autor dos livros *O terror e a dádiva* (2004), *De corpos e travessias* (2014), *Queer in the Tropics: gender and sexuality in the Global South* (2019), além de artigos publicados em periódicos nacionais e internacionais. Áreas de atuação: corpo, saúde, doença. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1474930426841995>.

### **Priscila Paz Godoy**

Graduada pela Faculdade de Direito da Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, em 1999. Formada pela Escola de Governo, curso promovido pela Associação Brasileira de Formação de Dirigentes Públicos e pela Universidade de São Paulo (USP), em 2004. Mestre em direitos humanos e cidadania pela Universidade de Brasília (PPGDH/CEAM/UnB), em 2015. Tem experiência em direito público e direitos humanos com atuação em escritório de advocacia, nos poderes executivos municipais e federal, em organização não governamental e organismos internacionais. Autora do livro *O povo invisível: os ciganos*

e a emergência de um direito libertador (2016). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6483433968386731>.

### Rita Laura Segato

Recebeu os títulos de Master of Arts (1978) e PhD (1984) pelo Departamento de Antropologia Social da Queen's University of Belfast, Irlanda do Norte, Reino Unido. É professora emérita da Universidade de Brasília pelo Programa de Pós-graduação em Bioética e Pesquisadora Sênior do CNPq. Foi docente do Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília de 1985 a 2010 e nos Programas de Pós-graduação em Bioética e Direitos Humanos de 2011 a 2017. Em 2018 recebeu o Prêmio Latino-americano e Caribenho de Ciências Sociais (Clasco, 50 anos). Em 2020 recebeu o Prêmio Daniel Cossio Villegas em Ciências Sociais do Colégio de México (Colmex). Em 2021 recebeu o Prêmio Frantz Fanon da Associação Caribenha de Filosofia por sua trajetória. A Universidade Nacional de Salta, a Universidade Autônoma de Entre Rios, a Universidade Provincial de Córdoba, a Universidade Nacional de Cuyo, a Universidade Ibero-americana do México e a Universidade de El Salvador lhe concederam o título de Doutor Honoris Causa, e a Universidade de Guadalajara lhe concedeu o título de Visitante Ilustre. Recebeu a Medalha de Prata de Santo Inácio de Loyola da Ordem dos Jesuítas na Universidade Ibero-Americana do México. A Câmara Legislativa da Cidade de Buenos Aires a nomeou Personalidade Destacada da Cultura e a Cidade de Montevidéu e lhe concedeu o título de Visitante Ilustre. Recebeu também o Prêmio Pensamento Argentino dos Prêmios Democracia. Em março de 2017, foi destacada como uma das quatro intelectuais representativas do pensamento latino-americano pela revista mexicana *La Tempestad*. A agência espanhola EsGlobal a incluiu por dois anos consecutivos, 2017 e 2018, entre os 30 intelectuais mais influentes da Ibero-América. Atualmente é membro da Coordenação do Curso de Especialização em Estudos Afro-Latino-Americanos e Caribenhos da Clasco. Em 2018, o Museu Reina Sofia, em Madri, fundou a Cadeira Aníbal Quijano e a nomeou como sua titular. Em 2019, a Universidade Nacional de San Martín (Unsam), Argentina, criou a “Cátedra Rita Segato de Pensamiento Incómodo”, sob sua direção. Em 2019 foi convidada para ministrar o prestigioso Curso de Mestrado O Autor e sua Obra na Universidade Internacional Menéndez y Pelayo, Santander, Espanha e Lasa organizou em seu encontro em Boston uma sessão chamada Conversa com Rita Segato. Durante o primeiro semestre de 2022 foi professora visitante no Programa de Estudos Latino-Americanos (Plas) na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos da América. Foi coautora da primeira proposta de ação afirmativa para garantir a admissão de estudantes negros e indígenas no ensino superior no Brasil (1999), e coautora,



com 41 mulheres indígenas de todas as regiões do país, de uma primeira proposta de ação afirmativa e políticas públicas para as mulheres indígenas perante o Estado brasileiro (2002). Atuou como especialista no Tribunal Viena+20 (Bilbao, 2013), juíza do Tribunal Permanente dos Povos para o capítulo México na Audiência Chihuahua (2014), testemunha especializada do Ministério Público da Guatemala para o caso Sepur Zarco de sujeição à escravidão sexual e doméstica de mulheres indígenas Maya Qeqchies por militares guatemaltecos durante o período autoritário (2014 a 2016), juíza do Tribunal dos Direitos da Mulher do Fórum Social Pan-Amazônico (Tarapoto, Peru, 2017), autora de um Diagnóstico da Polícia Nacional Civil de El Salvador sobre crimes de gênero (2018), e testemunhou como especialista perante o Tribunal Federal Criminal Oral 2 no julgamento de Crimes contra a Humanidade em centros de detenção em Escobar, Campana e Zárate, Província de Buenos Aires, Argentina, entre março e abril de 1976 (2019). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7719153067130491>.

### **Tânia Mara Campos de Almeida**

Graduada em ciências sociais pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), em 1989, mestra e doutora em antropologia pela Universidade de Brasília (UnB), respectivamente em 1994 e 2001, com pós-doutorado em representações sociais pela UnB (Instituto de Psicologia, 2006), pela Université de Provence e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess), França, 2007. Atualmente, é professora associada do Departamento de Sociologia (UnB), bem como integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Mulheres (NEPeM) da mesma universidade. No período de 2012 a 2016, foi editora-adjunta da revista *Sociedade e Estado*, na sequência sua editora-responsável (desde julho/2020), além de integrar o corpo editorial de vários periódicos científicos. Entre 2016 e 2018 atuou como coordenadora dos bacharelados em sociologia e ciências sociais do departamento. Tem experiência e publicações na área das ciências sociais e humanas, com ênfase nos seguintes temas: gênero, violência, trabalho, saúde e religião. É bolsista produtividade PQ2 do CNPq e integrante do grupo de pesquisa do CNPq “Diálogos em sociologia clínica (UnB)”. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5972548202499046>.

### **Vanessa Rodrigues de Araújo**

Doutoranda em humanidades pela Universidad Autónoma Metropolitana, unidade de Xochimilco, México (UAM-X), na linha de pesquisa *estudios culturales y crítica poscolonial*. Mestra em direitos humanos e cidadania pela Universidade de Brasília (UnB). Especialista em direitos humanos pela Universidade Católica de Brasília (UCB). Graduada em ciências jurídicas pelo Centro Universi-

tário de Brasília (UniCeub). Foi colaboradora do Comitê Brasileiro de Defensoras e Defensores de Direitos Humanos. É pesquisadora do Grupo de Pesquisa Antropologia e Direitos Humanos do CNPq. Atuou como assessora jurídica no Conselho Indigenista Missionário (Cimi), realizando ações político-jurídicas voltadas à proteção e garantia territorial dos povos indígenas do Brasil. Adicionalmente, desenvolve pesquisas na linha de direitos humanos, teorias decoloniais, direitos indígenas, memória, raça e gênero. Autora do livro *Sabendo quem somos: memória familiar e descolonização* (2019). CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4398978450108334>.

### **Verenilde Santos Pereira**

Possui graduação em comunicação social pela Universidade Federal do Amazonas (1979) e mestrado em comunicação pela Universidade de Brasília (1995). Tem experiência na área de comunicação, atuando principalmente nos seguintes temas: mídia, índios e representação. É doutora pela Faculdade de Comunicação de Brasília, na área de jornalismo e sociedade. Defendeu a tese em 2013, cujo título é “Violência e singularidade jornalística: o ‘massacre da Expedição Calleri’”, sob orientação da Prof. Dra. Rita Laura Segato. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6744436215893417>.

### **Volnei Garrafa**

Graduado em odontologia pela PUC-RS, Porto Alegre (1965-68); especialista em cancerologia bucal (Residência) pela Associação Paulista de Combate ao Câncer, Hospital A. C. Camargo (1969-1970); doutor em ciências pela Unesp (1971-1974); pós-doutorado em bioética pela Universidade La Sapienza /Roma Itália (1991-1993); ex-professor titular do Departamento de Saúde Coletiva da Faculdade de Ciências da Saúde (FS) da UnB (1990-2018). Atualmente é diretor do Centro Internacional de Bioética e Humanidades. Coordenador do Programa de Pós-graduação em Bioética – mestrado e doutorado acadêmico (Conceito 5 Capes), atuando na área de concentração em saúde pública e nas linhas de pesquisa: a) fundamentos de bioética e saúde pública; b) situações emergentes em bioética; c) situações persistentes em bioética; coordenador da Cátedra Unesco de Bioética. Membro titular do Conselho Diretor da Universidade de Brasília (2014-2020); cofundador e primeiro presidente da Red-Latinoamericana y del Caribe de Bioética de la Unesco – Redbioética (2003-2010), da qual atualmente é diretor de Assuntos Internacionais; membro do Conselho Científico da Sociedade Internacional de Bioética (Sibi), Gijón/Espanha e vice-presidente para a América Latina; membro do International Bioethics Committee da Unesco, Paris/França (2010-2017); coordenador dos cursos

de especialização em bioética desenvolvidos pela Cátedra Unesco de Bioética na UnB, entre 1998 e 2018 (18 edições anuais consecutivas); editor da *Revista Brasileira de Bioética (RBB)*; coordenador do Comitê de Ética em Pesquisa da FS-UnB (2000-2003 / 2006-2009); coordenador (2004-2006) do Comitê de Ética de Uso Animal do Instituto de Ciências Biológicas da UnB (Ceua); delegado designado pelo presidente da República para assessorar a delegação brasileira na Unesco no processo de elaboração da Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos na Unesco, Paris / França (2004-2005); membro do Grupo de Trabalho designado pelo Ministro da Saúde para elaborar Projeto de Lei para criação do Conselho Nacional de Bioética (2003-2004); vice-presidente (1999-2002) e após presidente da Sociedade Brasileira de Bioética (2001-2005); presidente do Sixth World Congress of Bioethics, Brasília, novembro de 2002; membro (de 1997 a 2003) da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa do Ministério da Saúde (Conep); membro do Comitê de Bioética do Instituto Nacional do Câncer (Inca), Rio de Janeiro (1999-2003); membro da Banca Examinadora para análise de progressão funcional para classe de Professor Associado (Bepa), Universidade de Brasília (2008-2018); presidente (1994-1996) do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes); cofundador e primeiro presidente do Fórum Nacional dos Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras (1987-1989); decano (pró-reitor) de Extensão Universitária da UnB (1985-1989); cofundador (1978) e presidente (1980-1982) da Associação dos Docentes da Universidade de Brasília (ADUnB); presidente (1976-1978) da Sociedade Brasileira de Estomatologia (Sobe); coordenador do Programa Nacional de Prevenção e Diagnóstico Precoce do Câncer Bucal da Divisão Nacional de Câncer do Ministério da Saúde (1977-1979); membro do Board of Directors da International Association of Education in Ethics (IAEE), Pittsburgh/Estados Unidos (2013-2017) e seu presidente na gestão 2017-2020. Índices Pesquisador: Índice H = 45 e Índice i10 = 127. CV Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2059138334891787>.



**P**hD pelo Departamento de Antropologia Social da Queen's University of Belfast, Irlanda do Norte, Reino Unido, Rita Segato é professora emérita da Universidade de Brasília. Em 2018 recebeu o Prêmio Latino-Americano e Caribenho de Ciências Sociais (Clacso, 50 anos); em 2020, o Prêmio Daniel Cossío Villegas em Ciências Sociais do Colégio de México (Colmex); em 2021, o Prêmio Frantz Fanon da Associação Caribenha de Filosofia por sua trajetória. A Universidade Nacional de Salta, a Universidade Autônoma de Entre Rios, a Universidade Provincial de Córdoba, a Universidade Nacional de Cuyo, a Universidade Ibero-americana do México e a Universidade de El Salvador lhe concederam

o título de *Doutor Honoris Causa*. A agência espanhola EsGlobal a incluiu por dois anos consecutivos, 2017 e 2018, entre os 30 intelectuais mais influentes da Ibero-América. Atualmente é membro da Coordenação do Curso de Especialização em Estudos Afro-Latino-Americanos e Caribenhos da Clacso. Em 2018, o Museu Reina Sofia, em Madri, fundou a Cadeira Aníbal Quijano e a nomeou como sua titular. Durante o primeiro semestre de 2022 foi professora visitante no Programa de Estudos Latino-Americanos (Plas) na Universidade de Princeton, nos Estados Unidos da América. Foi coautora da primeira proposta de ação afirmativa para garantir a admissão de estudantes negros e indígenas no ensino superior no Brasil (1999), e coautora, com 41 mulheres indígenas de todas as regiões do país, de uma primeira proposta de ação afirmativa e políticas públicas para as mulheres indígenas perante o Estado brasileiro (2002). Atuou como especialista no Tribunal Viena+20 (Bilbao, 2013), juíza do Tribunal Permanente dos Povos para o capítulo México na Audiência Chihuahua (2014), testemunha especializada do Ministério Público da Guatemala para o caso Sepur Zarco de sujeição à escravidão sexual e doméstica de mulheres indígenas Maya Q'eqchi por militares guatemaltecos durante o período autoritário (2014 a 2016), juíza do Tribunal dos Direitos da Mulher do Fórum Social Pan-Amazônico (Tarapoto, Peru, 2017), autora de um Diagnóstico da Polícia Nacional Civil de El Salvador sobre crimes de gênero (2018), e testemunhou como especialista perante o Tribunal Federal Criminal Oral 2 no julgamento de Crimes contra a Humanidade em centros de detenção em Escobar, Campana e Zárate, Província de Buenos Aires, Argentina, entre março e abril de 1976 (2019).

